

## Breve histórico dos dicionários no ensino de português na China: usos, contribuições e pesquisas

Davi Albuquerque<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho traça um histórico da lexicografia bilíngue luso-chinesa com um objetivo de apontar as relações, por um lado, entre o ensino de línguas estrangeiras e o uso de dicionários na China e, por outro lado, a presença da língua portuguesa e o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) no país. Assim, além da história dos dicionários português-chinês e chinês-português, discutimos também como os aprendizes chineses de PLE em nível terciário e em situação de não imersão utilizam os dicionários em seu processo de ensino-aprendizagem, bem como quais as possíveis contribuições que os falantes chineses podem oferecer nas investigações sobre esses temas. Finalmente, nas considerações finais retomamos a importância da China e dos falantes chineses na internacionalização da língua portuguesa em diversas áreas (política linguística, ensino, aprendizagem, pesquisa), contribuindo, assim, na sua promoção e difusão.

**Palavras-chave:** Português Língua Estrangeira (PLE). China. Lexicografia bilíngue. Dicionário.

## A brief history of dictionaries in the teaching of Portuguese in China: uses, contributions and research

**Abstract:** This paper elaborates a brief history of Portuguese-Chinese bilingual lexicography with the aim of pointing out the relationships, on the one hand, between the teaching of foreign languages and the use of dictionaries in China and, on the other hand, the presence of the Portuguese language and the teaching of Portuguese as a Foreign Language (PFL) in this country. Thus, in addition to the history of Portuguese-Chinese and Chinese-Portuguese dictionaries, we also discuss how PFL Chinese learners at the tertiary level and in non-immersion situations use dictionaries in their teaching-learning process, as well as what possible contributions Chinese speakers can offer on these topics research. Finally, in the final considerations, we reiterate the importance of China and Chinese speakers in the internationalization of the Portuguese language in several areas (language policy, teaching, learning, research), contributing thus to its promotion and dissemination.

**Keywords:** Portuguese as a Foreign Language (PLE). China. Bilingual lexicography. Dictionary.

---

<sup>1</sup>Professor Associado da Escola de Estudos Estrangeiros da Universidade Nankai (Tianjin, China). Estágio Pós-Doutoral no PPLIN (Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com uma investigação sobre o Fórum de Macau e a internacionalização da língua portuguesa. Coordenador da Comissão para as Línguas Ameaçadas (CLAm) da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). E-nail: [davialbuquerque@nankai.edu.cn](mailto:davialbuquerque@nankai.edu.cn) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1941-6925>

## Introdução

Quando se pensa na história da lexicografia em Portugal e na China, ambos os países são reconhecidos por apresentarem uma longa tradição. Apesar de ainda haver necessidade de mais estudos a respeito desse tema, sabemos que, para a língua portuguesa, os primeiros dicionários publicados são do tipo bilíngue (Latim-Português), de autoria de Jerónimo Cardoso (1508-1569), seguindo uma influência clássica, latinista e humanista, sendo diferentes obras do erudito português, a saber: *Dictionarium Iuuentuti Studiosae Admodum Frugiferum*, datado de 1551, impresso em Coimbra; *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, publicado em 1562, em Lisboa; e *Dictionarium Latino lusitanicum et uiceversa Lusitanico latinum cum Adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam per utili expositione ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione item de monetis, ponderibus et mensuris ad praesentem usum accomodatis*, também conhecido somente por *Dictionarium Latino lusitanicum et uiceversa Lusitanico latinum*, publicado postumamente em 1570, em Lisboa (Cardoso, 2009)<sup>2</sup>. De acordo com León Romeo (2009), a base desses dicionários foi o *Lexicon*, de Antonio de Nebrija, publicado em Salamanca, no ano de 1492, e que tais obras acabaram por dar início a tradição lexicográfica portuguesa, surgindo posteriormente obras metalexicográficas e de lexicografia pedagógica *avant la lettre*, com os dicionários utilizados em algumas escolas para o ensino de latim.

Com algumas características distintas e outras semelhantes, a China possui possivelmente a mais antiga história lexicográfica, com a publicação do *Ēr yǎ* 尔雅 ‘próximo do correto’, que se trata de uma obra de difícil classificação, de autor desconhecido, podendo ser chamada de um dicionário enciclopédico, já que compila informações, sinônimos e excertos de textos anteriores, que datam entre o século VI a.C. até o século I a.C. (Yong; Peng, 2008), bem como o texto da obra foi sofrendo acréscimos e alterações durante este mesmo período (Veloso, 2016). É possível apontar a tradição lexicográfica chinesa com mais de 2000 anos de existência, já que o *Ēr yǎ* foi objeto de estudo em dinastias subsequentes, sendo parte dos ‘treze clássicos’ – livros de tradição confucionista que eram usados em exames imperiais de admissão durante a dinastia Song (960-1279) – e influenciou a produção de diferentes tipos de

---

<sup>2</sup> Alguns pesquisadores, como Veloso (2016), afirmam haver menções a trabalhos anteriores, porém até a atualidade não foram encontrados.

dicionários, vocabulários e glossários chineses (monolíngues e bilíngues) até o século XIX. Ademais, é possível citar também *Fangyan* 方言 (título completo: 輜軒使者絕代語釋別國方言 yóu xuān shǐzhě juédài yǔ shì bié guó fāngyán) ‘regionalismos de outros países em tempos imemoriais explicadas pelo mensageiro da carruagem leve’, que se trata de um dicionário compilado por Yang Xiong (53 a.C. – 18 d.C.), poeta e filósofo chinês, compilado no primeiro século de nossa era, contendo um vocabulário regional de diferentes dialetos<sup>3</sup>, bem como fazendo uso de várias fontes anteriores a ele, destacando-se os documentos do tipo ‘carruagem leve’ (輜軒 yóu xuān)<sup>4</sup>, elaborados durante o final da dinastia Zhou (c.1046 a.C. – 256 a.C.) e no período da dinastia Qin (221 a.C. – 206 a.C.).

Após essa exposição histórica, o que nos interessa no presente texto é o ponto de encontro entre as duas tradições, em outras palavras, a lexicografia bilíngue português-chinês e chinês-português. Assim, nossos objetivos aqui são traçar um breve histórico desses dicionários e analisar quais contribuições eles podem trazer para os aprendizes chineses de Português Língua Estrangeira (doravante PLE) tanto dentro, quanto fora de sala de aula, bem como seus usos e aplicações no processo de ensino-aprendizagem e além, principalmente nas pesquisas e investigações.

## O percurso da lexicografia em língua portuguesa na China

A lexicografia em língua portuguesa se destaca na China pelo fato de o primeiro dicionário de alguma língua europeia e do chinês<sup>5</sup> ter sido elaborado precisamente em português, a saber o reconhecido *Dicionário português-chinês* (Witek, 2001), compilado entre os anos de 1584 e 1588, pelos jesuítas italianos Michele Ruggieri (1543-1607) e Matteo Ricci

<sup>3</sup> A tradução literal de *fangyan* 方言 é ‘dialeto’, porém linguistas, tradutores e sinologistas já propuseram diversas soluções distintas de tradução, como ‘regionaleto’ ou ‘topoleto’ (Mair, 1991). Adotamos aqui ‘regionalismo’ apenas para a tradução do título da obra, já que esta consiste em um glossário de regionalismos de diferentes locais da China.

<sup>4</sup> Nome dado a documentos de compilação de canções folclóricas e expressões idiomáticas feitas por emissários imperiais enviados a todos os domínios do território chinês.

<sup>5</sup> No decorrer deste texto nos referimos à ‘língua chinesa’ ou ao ‘chinês’, como idioma, com o significado do mandarim.

(1552-1610). Apesar de o manuscrito ter sido redescoberto no ARSI (*Archivum Romanum Societatis Iesu*) apenas em 1934 por Pasquale D’Elia (1890-1963), um sinologista italiano, e sendo publicado somente anos mais tarde, em 2001, por John W. Witek (1933-2010), este manuscrito era conhecido desde o século XVII por diversas fontes históricas que o mencionavam, conforme afirma Ramos (1988). Ademais, mesmo antes de sua publicação, o *Dicionário português-chinês* (Witek, 2001), de acordo com Wan (2021), foi objeto das mais variadas investigações em diversas áreas, como os aspectos fonético-fonológicos, ortográficos, lexicológicos, semânticos, problemas de tradução e dialetais das entradas.

Os principais trabalhos da historiografia lexicográfica luso-chinesa são Jin (1987), Ramos (1988) e Mai (2011), contemplando quase cinco séculos de história, manuscritos, publicações e diálogos entre essas duas culturas distantes, mas que mantêm relações diplomáticas e harmoniosas até os dias de hoje. Nesta seção, utilizamos as informações contidas nesses trabalhos para traçar o percurso da história dos dicionários luso-chineses.

A área dos estudos históricos da lexicografia portuguesa em território chinês é frutífera e com diversos tópicos ainda a serem estudados, como no caso do trabalho de James (2004), no qual o autor lista alguns manuscritos com datas próximas a do *Dicionário português-chinês* (Witek, 2001), chamados de ‘glossário de palavras chinesas’, *vocabulario sinico* ou *dictionarium sinicum*, o que traz à luz vários questionamentos a respeito do pioneirismo, influências e relações entre os dicionários compilados na época do final do século XVI e início do século XVII.

Além disso, há uma série de manuscritos, uns encontrados, mas não publicados, enquanto outros se tem conhecimento apenas por citações em estudos históricos reconhecidos, os quais mencionamos aqui<sup>6</sup>. Começamos pelos manuscritos dos dicionários português-chinês e chinês-português, de autoria do jesuíta português Álvaro Semedo (1586-1658), datando da primeira metade do século XVII. Do mesmo período há também o *Dicionário da língua chinesa e portuguesa*<sup>7</sup>, do pe. Gaspar Ferreira (1574-1649). Já na segunda metade do século XVII, há referências a dois principais manuscritos: um do pe. Gabriel de Magalhães (1610-1677), no qual há uma espécie de vocabulário ou glossário, contendo informações gramaticais e

<sup>6</sup> Tais referências são obras catalográficas ou historiográficas, as quais listam documentos, manuscritos e outras fontes históricas sobre a atividade missionária ou publicações locais, sendo elas: Cordier (1878, 1885, 1895), Couling (1917), Pfister (1932), Bernard (1945), Teixeira (1967, 1972) e Gomes (1987).

<sup>7</sup> Ramos (1988) aponta o título deste manuscrito como *Dicionário da língua Chinesa (sic) e Portuguesa*.

ortográficas sobre a língua chinesa, bem como termos filosóficos e teológicos; o outro, também chamado de *Dicionário português-chinês*, é um manuscrito inacabado e sem data, encontrado na Biblioteca Nacional de Pequim, classificado por Jin (1987) como um dicionário paraciclopédico por conter entradas, frases e informações culturais sobre o chinês (como o zodíaco chinês), e o necrológio de diversos jesuítas que atuaram na China. Digno de nota é que com exceção deste último manuscrito citado, encontrado em Pequim, não se sabe o paradeiro dos demais manuscritos comentados.

Partindo de diversas fontes, Ramos lista mais uma série de manuscritos que datam do século XVII, destacando-se:

- A possível existência de um dicionário chinês-latim-francês-português-italiano-alemão, de autoria do pe. Florian Bahr, porém se conhece seu paradeiro;
- O registro de dois dicionários na Biblioteca Real de Estocolmo: o primeiro, chinês-português (e latim) e o segundo, chinês-latim (e português);
- Na Biblioteca Apostólica Vaticana, é apontada a existência de um manuscrito que se trata de um dicionário português-chinês manuscrito, localizado no fundo Borgia Cinese 420, com o título de *Vocabolario da lingoa Mandarina ordenado por el RR Pe. Fr. Francisco Varo da orden de Pregadores [...]feite [sic] nella igreja de N. P.e. Santo Domingo da cidade de Fôning a 20 de Mayo do anno 1670* (Ramos, 1988);
- Ainda na Biblioteca Vaticana, no mesmo no fundo Borgia Cinese, porém localizado no número 473, há mais um dicionário, desta vez, um manuscrito chinês-português;
- Mais outro manuscrito da Biblioteca Vaticana, este na seção do Extremo-Oriente, consta um dicionário chinês-português, segundo indicado no próprio documento, este data do ano de 1625.

Com isso, parece que o século XVII foi frutífero na atividade lexicográfica luso-chinesa, visto que esta estava relacionada com os esforços dos missionários tanto de conhecer a língua e a cultura chinesa, quanto de realizar seus trabalhos de catequização e deixar um legado a seus sucessores. Conforme reiteramos, esses manuscritos listados também não foram publicados, enquanto outros sequer foram encontrados.

Vale a pena citar, ainda, que o século XVIII parece que não viu o surgimento de obras lexicográficas luso-chinesas sejam manuscritas, sejam publicadas, uma vez que as primeiras publicações desses dicionários ocorreram somente no século XIX com os reconhecidos

trabalhos do pe. Joaquim A. Gonçalves seu *Dicionário portuguez-china, no estylo vulgar mandarim, e clássico geral*, publicado em 1831, e o *Dicionário china-portuguez, no estylo vulgar mandarim, e clássico geral*, publicado em 1833. Além destas duas publicações, não são conhecidas outras da mesma natureza no século XIX.

O século XX se mostrou frutífero para a lexicografia luso-chinesa com a publicação de um número alto de obras, bem como dicionários de alta qualidade que ainda são utilizados até a atualidade. O primeiro deles é o *Vocabulário português-chinês*, de Alexandre Majer, que data de 1934, seguido pelos *Vocabulário Luso-Chinês* e *Vocabulário Sino-Português*, em 1955<sup>8</sup>.

Na década de 1960, temos o *Dicionário de algibeira chinês-português* (1962) e o *Dicionário de algibeira português-chinês* (1969), e outro *Dicionário chinês-português* (1962), sendo que este foi compilado por A. H. de Mello, pe. António André Ngan e pe. Luís Hó, contendo mais de 900 páginas e sendo a base do dicionário de algibeira. Uma crítica que se pode fazer a tal obra é que ela utilizou a pronúncia do cantonês e foi influenciada pelos dicionários *A Chinese-English Dictionary in the Cantonese Dialect* (1877), de Ernst Johann Eitel, *Dictionnaire Français-Cantonais* (1909) e *Dictionnaire Cantonais-Français* (1912), do pe. Louis Aubazac.

Na década de 1970, vemos surgir outro grande dicionário, o *Dicionário português-chinês*, o qual começou a ser impresso em Macau no ano de 1969 e, devido a sua longa extensão de mais de 1800 páginas, foi lançado somente em 1971. Do mesmo modo que o anterior, os autores Armando M. S. Basto, Carlos M. Siqueira e António T. G. Dias apresentam influência do cantonês e de dicionários anteriores de outras línguas, entre eles: *A Comprehensive English-Chinese Dictitionary* e *Chinese-English Dictionary*. Digno de nota é que esses dois últimos dicionários, devido a seu tamanho, número de entradas e o cuidadoso trabalho lexicográfico em suas confecções, passaram a ser utilizados nas atividades de ensino da época. Ainda, há o *Dicionário Português-Chinês*, também conhecido como *Pu Zhong Zidian*, foi o primeiro dicionário elaborado no Brasil, publicado em 1974. Jin (1987) atesta que parece ter sido elaborado por japoneses devido a certos erros e problemas com o emprego da ortografia chinesa, porém apresenta um ponto positivo ao apresentar uma lista de gírias brasileiras. Por fim, há registros, segundo Jin (1987) e Ramos (1988), de dicionários que são cópias ou plágios

---

<sup>8</sup> O foco de nosso artigo é apenas o chinês (mandarim), mas vale a pena mencionar que surgiram dicionários de outras línguas e dialetos chineses, destacando-se o cantonês.

de dicionários anteriores, sendo eles um com título em inglês, *New Standard Portuguese-Chinese Dictionary* (1975), e outro em chinês, *Xin-bian Pu Zhong Zidian* ‘Novo Dicionário Português-Chinês’, sem data de publicação.

Na década de 1980, merece destaque o *Dicionário Chinês-Português de Análise Semântica Universal*, de autoria do pe. Joaquim A. J. Guerra, o qual foi publicado no ano de 1981. Com mais de 1100 páginas, o lexicógrafo, conforme título da obra, de maneira inovadora, apresenta as entradas em língua chinesa organizadas de acordo com diferentes campos semânticos criados e classificados por critérios do próprio autor.

O início da década de 1990 já viu nascer dois novos dicionários importantes para o processo de ensino-aprendizagem de PLE, são eles: *Dicionário Conciso Português-Chinês* e *Pequeno Dicionário Português-Chinês*, ambos publicados pela Imprensa Comercial no ano de 1994. Em 1997, outro dicionário se destaca, a saber: o *Dicionário Conciso Chinês-Português*, compilado no âmbito de um projeto da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai para elaboração de diversos dicionários bilíngues chinês e línguas modernas. Esta obra lexicográfica apresenta um trabalho cuidadoso com a língua chinesa, sua tradução e definições para a língua portuguesa. Por fim, em 1999, veio à luz, pela Fundação Macau, o interessante *Dicionário Português-Chinês de Marinha*, de autoria de Raul Leandro dos Santos, o qual merece todo o mérito em seu pioneirismo quando se trata da lexicografia especializada luso-chinesa.

No início do século XXI, surge o já mencionado *Dicionário Português-Chinês* (Chen, 2001), o qual até os dias atuais é considerado o maior e melhor dicionário, e referência de trabalho quando se pensa na língua portuguesa na China, bem como é citado em diversas pesquisas e, por sua vez, em entrevistas e questionários conduzidos com os chineses nos mais variados tipos de investigação. Devido a seu tamanho, com mais de 1100 páginas e em capa dura, em nossa investigação e observações de aprendizes chineses de PLE em nível terciário, percebemos que tal concepção a respeito desta obra se mantém, porém, seu uso é limitado a situações mais formais, como exames ou quando o professor proíbi o uso de celulares. No mesmo ano, em 2001, também surge *Dicionário Prático de Verbos e Suas Regências*, que, conforme o título da obra já antecipa, trata-se de um dicionário específico para estudantes de português, principalmente de PLE, abordando os tópicos gramaticais supracitados, os quais consideramos importante ter tal obra de referência, visto que a flexão, concordância e regência verbais são de extrema dificuldade para os aprendizes chineses, particularmente pelo fato de não haver a maioria dessas estruturas gramaticais em suas L1, seja o mandarim L1, seja outro

dialeto da China como L1, o que os leva a fazer transferências no processo de ensino-aprendizagem do PLE. Outra obra lexicográfica especializada publicada no mesmo período, só que em 2003, é o *Glossário Chinês-Português de Termos Usuais*, seguido pelo *Pequeno Dicionário Semasiológico de Estudo do Português*, em 2008. Ainda, na mesma época, há o chamado *Dicionário Prático Português-Chinês / Chinês-Português*, de autoria de John Whitlam e Vitoria Davies, publicado no Rio de Janeiro, em 2007, e na variedade do Português Brasileiro, sendo, no ano seguinte, em 2008, reeditado pela Elsevier com o título de *Dicionário Português-Chinês, Chinês-Português: O Primeiro Dicionário Brasileiro de Português e Chinês*. Apesar de não haver resenha, análise tampouco alguma recensão crítica a respeito, os consulentes de ambas as obras reclamam informalmente tanto das entradas selecionadas, que não consideram palavras usuais, quanto das definições e equivalências fornecidas, que não são claras e didáticas. Isso provavelmente ocorre devido aos autores não serem falantes nativos do português ou do chinês, bem como não terem formação ou experiência alguma nas áreas relativas à lexicografia, ensino de PLE ou chinês, ou pesquisas em linguística, somente uma série de trabalhos de traduções e materiais de PLE mais superficiais para o público em geral, porém sabemos que é necessário uma análise aprofundada de tais obras para apontarmos os problemas de maneira mais técnica e objetiva, e se nossas observações são acuradas ou não.

Na década de 2010, foi publicado, em 2016, o *Dicionário Conciso Português-Chinês Chinês-Português* (精选葡汉汉葡词典), em Pequim, pela reconhecida editora *The Commercial Press* e, no mesmo ano, o *Dicionário de verbos chinês-português*, de autoria de Carlos M. B. Alves, pelo Instituto Politécnico de Macau, no que consiste outra contribuição significativo para o ensino de PLE, conforme afirmamos anteriormente, a respeito dos problemas dos aprendizes chineses em relação ao verbo português. No ano de 2017, a Porto Editora lança seu *Dicionário Académico de Chinês-Português / Português-Chinês*. No ano seguinte, em 2018, saiu o *Vocabulário Português Brasileiro-Chinês*, de Andrey Taranov, pela Tep Books, este vocabulário, da mesma maneira que o dicionário publicado pela Elsevier, mencionado anteriormente, recebeu algumas críticas informais como uma simples lista de palavras com traduções e imprecisões, mas, novamente, uma análise detalhada da obra lexicográfica precisa ser para se verificar tais julgamentos. A última publicação dessa década foi o *Dicionário conciso português-chinês/chinês-português*, em 2019, pela *The Commercial Press*.

Finalmente, nos últimos anos, vimos surgir mais dois dicionários: o Dicionário Conciso da Língua Chinesa, publicado, em 2020, pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (Beijing) (BFSU) em parceria com a Editora de Ensino e Pesquisa de Línguas Estrangeiras (FLTRP); e o *Dicionário Chinês-Português*, novamente pela *The Commercial Press*, no ano de 2021. Ambos os dicionários se destacam pelo cuidado lexicográfico com a língua chinesa, trazendo traduções precisas, definições, exemplos de uso, bem como anexos com aspectos culturais da China.

Com isso, de acordo com o esboço histórico que traçamos nesta seção, junto com as obras mais recentes listadas no parágrafo anterior, é possível perceber que a tradição lexicográfica luso-chinesa é antiga, quando comparada com as demais línguas europeias, e também rica tanto em qualidade, como em tipos de dicionários, visto que encontramos obras lexicográficas exemplares com uma seleção das entradas, tradução e definições boas, exemplos de uso nas duas línguas e informações gramaticais, todas inclusas no verbete; a inclusão de informações enciclopédicas em anexo (ex. ano novo chinês, ciclo lunar, zodíaco chinês); e dicionários especializados de termos e de gramática, bem como glossários e vocabulários. Tal qualidade e tradição referidas aqui servem também para apontar uma área ainda em aberto que reserva um futuro promissor tanto para lexicógrafos, quanto para os consulentes.

### **O uso de dicionários na aula de PLE e os aprendizes chineses**

O dicionário é uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE) e isto não seria diferente para os aprendizes chineses de PLE. De grande destaque no ensino de LE na China, o dicionário se tornou pivotal para os estudantes, principalmente no ensino universitário no país. Isso se dá por uma série de fatores relacionados à cultura de ensinar e aprender junto a políticas linguísticas já estabelecidas nas décadas anteriores<sup>9</sup>. Desta maneira, podemos citar entre esses principais fatores a distância tipológica do chinês (mandarim) em relação ao português (e demais línguas indo-europeias); o relativo

---

<sup>9</sup> Em Jatobá (2020), há uma ampla discussão e análise dos documentos oficiais chineses da política linguística para o ensino de LE, verificando-se que não existe uma política linguística oficial explícita para o português (e demais LE que são consideradas minoritárias, com exceção do inglês), contudo, em nível institucional, como universidades, há documentos específicos que exigem uma série de ações, responsabilidades e resultados dos agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de LE, principalmente dos professores e alunos.

isolamento e/ou ausência de contato com outras LE no dia a dia; sistema de escrita distinto; a institucionalização de disciplinas/ cursos de 精读 (jīng dú) ‘leitura intensiva’ nas graduações de LE como núcleo do processo de ensino-aprendizagem; abordagens e métodos de ensino diferentes, enfatizando competências relacionadas à memorização e à repetição (Monteiro, 2010; Zheng, 2010; Veloso, 2016)<sup>10</sup>.

A partir de tais informações, é possível perceber que os aprendizes chineses de PLE têm como foco o texto em seus aspectos mais tradicionais de leitura, tradução, vocabulário e gramática. Com isso, várias pesquisas nas últimas décadas vêm apontando a ansiedade linguística de aprendizes chineses de LE, bem como de alunos asiáticos em geral, como sendo significativamente maior do que em outros locais do mundo. As causas de tal ansiedade são variadas, mas, entre as principais, destacam-se a relação inversamente proporcional entre proficiência na LE e a ansiedade linguística (quanto menor o conhecimento da LE maior será a ansiedade e vice-versa); a insegurança na produção oral, já que, como vimos, o centro da aprendizagem está na modalidade escrita; e o medo da ocorrência de desvios, seja na produção oral, seja na produção escrita (este problema com os desvios gramaticais está relacionado também a características culturais).

É por causa do cenário descrito anteriormente que o estudante chinês de PLE, ou de outras LE, coloca o dicionário como uma ferramenta fundamental de sua aprendizagem, chegando a ocorrer uma dependência dele, em nosso caso, aprendizes chineses de PLE em situação de não imersão, principalmente do dicionário eletrônico, logo na fase inicial do processo de ensino-aprendizagem, particularmente por sua rapidez de consulta, objetividade e efetividade na resolução de tarefas e atividades textuais de ensino, e um instrumento que passa segurança, reduzindo, assim, a ansiedade linguística nas situações de uso da língua (Zhang, 2012; Veloso, 2016).

Partindo de nossas observações em sala de aula, percebemos, além da dependência do dicionário eletrônico, bem como de apps ou tradutores chineses on-line, os alunos chineses

---

<sup>10</sup> Em relação à cultura de aprender e ensinar na China, Cortazzi e Jin (1996) desenvolveram diversos trabalhos sobre o tema, dentre os quais destacamos o citado, chegando a resultados de que no país são adotados métodos de ensino considerados tradicionais no Ocidente, envolvendo memorização, repetição, tradução, gramática e lista de vocabulário, bem como aulas teóricas e centradas no professor, particularmente a respeito da situação de PLE, há o estudo de Ruotong (2017), que confirmou os mesmos resultados anteriores, porém se destacou o fato de que, apesar da predominância de métodos semelhantes ao de gramático-tradução, os alunos também demonstraram interesse no emprego de outros métodos que propiciem o uso, a oralidade e a comunicação.

também utilizam os dicionários impressos em diversas situações e atividades, especialmente naquelas formais, como exames de avaliação, ou específicas, em que o professor ou a instituição proíbe o uso de celular ou demais aparelhos eletrônicos. Ademais, tal dependência revelou também as principais estratégias de consulta que os estudantes utilizam ao fazer uso dos dicionários, sendo elas: a estratégia da escolha da primeira definição e a estratégia da disponibilidade. A primeira estratégia, a da escolha da primeira definição consiste no estudante ao consultar o dicionário, seja impresso, seja eletrônico, acaba por escolher a primeira definição encontrada, utiliza-a e sequer chega a ler/ consultar o resto do verbete. A segunda, a estratégia da disponibilidade se baseia no fato de quando o aprendiz tem a sua disposição dicionários bilíngues e as entradas nas duas línguas acaba por selecionar e empregar rapidamente o vocábulo da tradução.

Vale a pena informar que a breve discussão de alguns dados iniciais com base em observações em sala de aula se trata somente de um resultado pequeno e introdutório, não se tratando de uma investigação científica. Sobre tal tema, os aprendizes chineses de PLE, bem como os aprendizes em geral de PLE utilizam os dicionários é necessário que sejam feitos estudos, visto que, além de não haver muitas publicações a respeito, na época atual observamos o avanço da tecnologia até mesmo na lexicografia, fazendo com que os estudantes tenham à sua disposição apps, IA, dicionários eletrônicos em software e on-line, sem esquecer dos dicionários impressos. Assim, torna-se imperativo conhecer as escolhas, os usos, as estratégias e os impactos dos dicionários no processo de ensino-aprendizagem de PLE<sup>11</sup>.

Digno de nota, ainda, é que pesquisadores da área da lexicografia já vêm apontando esses problemas há algumas décadas, por exemplo Welker (2008) chama atenção sobre o número reduzido tanto de profissionais capacitados nessa área, como de estudos empíricos, ocasionando problemas elaboração de livros e dicionários, bem como professores que ignoram, desaconselham, ou que não sabem usar o dicionário no contexto do ensino de LE, especificamente para o PLE, autores como Veloso (2016), Lu (2018) e Albuquerque (2021) também discutiram o assunto. Em Albuquerque (2021), ao analisar o papel do dicionário no

---

<sup>11</sup> Em Zhang e Pérez-Paredes (2024), ao realizar um estudo sobre o uso de dicionários eletrônicos por aprendizes chineses de inglês língua estrangeira, fazem também um bom resumo do estado da arte sobre as pesquisas a respeito das estratégias de uso de dicionários por aprendizes de LE, reiterando a necessidade da pesquisa tanto na área do ensino de língua inglesa, quanto das demais línguas exatamente pelo fato de haver poucas publicações e ainda várias questões a serem investigadas e respondidas.

ensino de vocabulário em PLE, o autor, ainda, detalha tais problemas, sendo eles: erros na escolha do dicionário adequado ao público-alvo específico de aprendizes; o professor de PLE que não ensina seus alunos a manusearem o dicionário ou que não desenvolve técnicas, atividades ou tarefas de uso em sala de aula, problema já apontado anteriormente por outros investigadores, como Salvador (1985); não ser trabalhados os mitos existentes na cultura de ensinar e aprender, o que pode causar impactos negativos no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da LE em aulas e disciplinas futuras, conforme discutido por Nesi (1999) e Pontes (2009); e, finalmente, alunos sem orientações de como usar o dicionário, o que leva a um mau uso (como o caso da dependência dos aprendizes chineses) ou estudantes que desistem de consultar tal tipo de obra (Welker, 2006).

Ademais, o mesmo autor apresenta orientações para o uso do dicionário para:

(...) não cometer tais falhas, tampouco deixar esse hiato no aprendizado de seus alunos, o professor de PLNM (e de línguas estrangeiras em geral) deve utilizar critérios conscientes para a seleção de um dicionário para seus alunos; ensiná-los a usar, ler e consultar o dicionário adequadamente; e separar momentos específicos, em seu planejamento, para o trabalho com o dicionário em sala de aula (Albuquerque, 2021, p. 41).

E, da mesma maneira, lista uma série de critérios importantes, a partir de Hartmann (1999), em que o professor de PLE pode basear-se para selecionar um dicionário apropriado para seus alunos:

(...) a reputação do dicionário/ editora; sua relevância para as necessidades dos alunos; o tipo de obra; número de entradas lexicais; o preço; e a facilidade ao acesso. Vale a pena mencionar que para o ensino de PLNM algumas questões logísticas e situacionais devem ser esclarecidas antes mesmo do professor decidir sobre qual dicionário escolher, sendo elas: o local do curso; a L1 dos alunos e o perfil da turma; a variedade do português a ser ensinada (Albuquerque, 2021, p. 41).

Contudo, o aprendiz para desenvolver suas habilidades e competências linguísticas deve se tornar autônomo, tendo como a única solução para não se tornar dependente do dicionário, o ato de o professor de PLE incluir em suas aulas e planejamento o ensino de como utilizar de maneira eficaz o dicionário. No caso específico de PLE, alguns autores, como Albuquerque (2021), sugerem algumas soluções:

(...) com o intuito de não causar dependência ou uso excessivo em certas tarefas, incentivamos outras práticas em sala de aula, como a aprendizagem contextual do vocábulo, a elaboração de *flash cards*, o emprego de estratégias mnemônicas, entre outras, como opções anteriores à consulta da obra lexicográfica (...) (Albuquerque, 2021, p. 42).

Por fim, destacamos aqui também um ponto basilar que consiste em o professor de PLE elaborar seus próprios materiais (técnicas, estratégias, atividades, tarefas) a serem utilizados em sala de aula de maneira eclética, em outras palavras, buscando tanto a atitude do aluno não recorrer constantemente ao dicionário, quanto do uso consciente e orientado do dicionário.

### **Os dicionários em língua portuguesa na China, suas contribuições e investigações**

Conforme argumentamos anteriormente, é necessário o desenvolvimento de estudos empíricos sobre a lexicografia em geral e na área de PLE. Para isso, nesta seção, discorreremos de maneira entrelaçada aspectos históricos da lexicografia da língua portuguesa na China, as contribuições que os dicionários de português podem trazer aos alunos chineses em cursos de nível terciário no país e, por fim, quais os possíveis temas para futuras investigações seja de alunos, seja de professores.

Inicialmente, vale mencionar que a língua portuguesa tem uma longa presença histórica na China, desde o início do século XVI, e se mantém até os dias atuais por diversas vias, a saber: seu status de língua oficial em Macau; as relações econômicas e diplomáticas entre a China e os países da CPLP, especialmente com a criação do Fórum de Macau para manter e estreitar tais laços; o crescimento do interesse e dos números de instituições, professores e estudantes em cursos de língua portuguesa (Teixeira e Silva; Lima-Hernandez, 2014). Devido a esta presença, a lexicografia bilíngue português-chinês-português, da mesma maneira, apresenta um pioneirismo, quando comparada às demais línguas europeias na China, e a existência de obras lexicográficas significativas, tanto no plano teórico (estudos, pesquisas, projetos), quanto no prático (ensino, uso de dicionários e elaboração de dicionários).

Somadas à presença histórica da língua portuguesa e de obras lexicográficas afins, de acordo com o que apresentamos, há também as políticas linguísticas da China que dão um lugar de destaque aos dicionários, as quais estão relacionadas com as culturas de ensino e de aprendizagem do país, e, por sua vez, influenciam os métodos de ensino empregados pelos

professores e as estratégias de estudo utilizadas pelos estudantes<sup>12</sup>. Ainda, destacamos o fato de não haver uma política linguística explícita para o PLE e, conseqüentemente, não há diretrizes em comum para o ensino e o uso de materiais didáticos, tampouco para dicionários. Contudo isto não significa que este tipo de obra não seja importante no cenário chinês, ao contrário, consoante já discutimos, a obra lexicográfica tem um lugar fundamental no processo de ensino-aprendizagem na China, tanto que para o ensino de língua inglesa neste país há uma política linguística específica (Ministério da Educação, 2010), intitulada *Plano de ensino de inglês em faculdades nacionais para cursos de graduação* (高等学校英语专业英语教学大纲 gāoděng xuéxiào yīngyǔ zhuānyè yīngyǔ jiàoxué dàgāng), com uma série de diretrizes, incluindo demandas especiais para o uso de dicionários, exigindo uma disciplina de lexicografia em língua inglesa e um conjunto de habilidades e competências nessa área que os estudantes devem apresentar ao final da graduação. Porém, de maneira semelhante a que reiteramos no decorrer deste artigo, Zhang e Pérez-Paredes (2024) lamentam que o mesmo ainda não foi feito no ensino das demais LE. No entanto, vale mencionar que as instituições de ensino e professores de PLE na China, bem como os estudantes chineses de PLE e os pesquisadores desse tema, como Zhang (2012) ou Veloso (2016), chamam atenção da predominância do *Dicionário Português-Chinês* (Chen, 2001), conhecido como “tijolo vermelho” ou “grande tijolo vermelho”, quando se trata da categoria de dicionário bilíngüe impresso.

Com isso, reiteramos aqui a importância do papel de professores e estudantes sinofalantes de português nas investigações na área da lexicografia e PLE, principalmente por características que consideramos fundamentais, entre elas: o mandarim como L1; o conhecimento da história, sociedade e cultura chinesas; a presença e o conhecimento do território e instituições chinesas. Desta maneira, listamos a seguir os tópicos que acreditamos que os sinofalantes de PLE podem trazer contribuições notáveis:

- Estudos históricos e/ou diacrônicos das obras lexicográficas, dentre os quais é possível relacionar aspectos da história da China com a história dos dicionários bilíngües; a análise dos dicionários antigos; a pesquisa da existência de manuscritos e/ou

<sup>12</sup> Digno de nota é que não apenas os métodos, mas também o planejamento dos cursos e das aulas, as técnicas, as tarefas, os instrumentos de avaliação, entre outros, visto que tais elementos, a nosso ver, são selecionados e/ou elaborados pelos professores de acordo com a abordagem e métodos que aplicam nas suas aulas, porém tal análise está fora do escopo deste texto.

documentos, em território chinês, ainda não publicados ou desconhecidos do público não chinês que podem trazer luz aos estudos lexicográficos;

- No âmbito da análise de dicionários, sinofalantes podem conduzir análises minuciosas devido aos profundos conhecimentos e intimidade tanto com o mandarim L1, como também com os caracteres da escrita chinesa. Assim, recomendamos análises dos dicionários mais antigos e recentes, partindo da base do “roteiro para avaliação de dicionários” de Faulstich (2011)<sup>13</sup>, visto que tal ficha se provou como um modelo eficiente de avaliação, sendo empregado em diferentes tipos de obras lexicográficas e de diferentes línguas, incluindo de dicionários de chinês (Yan, 2007);
- Partindo dos resultados das análises dos dicionários, empregar tais conhecimentos para estudos a respeito da elaboração de diferentes tipos de novos dicionários bilíngues, bem como pesquisas mais detalhadas dedicadas a aspectos específicos da formação de professores de PLE para o uso e ensino de dicionários, planejamento de cursos e atividades para os aprendizes saberem manusear e usar os dicionários, avaliar as estratégias de uso dos dicionários dos estudantes de PLE e seus impactos específicos no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Como uma complementação a esta discussão, postulamos algumas ações que deverão ser feitas para que o ensino de PLE na China, juntamente com o uso dos dicionários e as pesquisas afins possam ganhar mais espaço, conquistar um público maior de interessados e alcançar contribuições a diferentes áreas, sendo que o principal objetivo é a ampliação do ensino e da demanda de PLE em território chinês e a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem e da pesquisa. Digno de nota é que tais ações e projetos partirão da sociedade civil, das instituições multinacionais interessadas na difusão e promoção da língua portuguesa, dos governos dos países da CPLP e outras instituições que têm como objetivo a internacionalização do português, bem como de seus agentes envolvidos (gestores, professores, pesquisadores, estudantes). Listamos a seguir quais são essas ações e como elas poderão ter impactos positivos:

---

<sup>13</sup> O roteiro foi publicado originalmente pela autora em 1998.

1. Primeiramente, é imperativo que seja elaborada uma política linguística explícita por parte do governo para o ensino de PLE em território chinês (com a exceção de Macau), que contemple currículo, planejamento e cursos; posicionamentos em relação a livros e demais materiais didáticos, os métodos e técnicas usados em sala de aula, e os instrumentos avaliativos; apoio à formação de professores; habilidades e competências linguísticas exigidas dos estudantes, entre outros, para que a língua portuguesa adquira um maior status, uniformidade e qualidade em seu ensino e pesquisa nas instituições chinesas;
2. Partindo de uma política linguística explícita, conforme apontado anteriormente, como basilar, a seleção das obras lexicográficas, seus respectivos usos e ensino, bem como as competências específicas que se esperam dos alunos e professores de PLE poderiam também constar nessa política citada, o que levaria ao desenvolvimento teórico, prático, pedagógico e científico no âmbito da lexicografia em PLE;
3. Da mesma maneira, haveria um espaço para discussão a respeito das abordagens e dos métodos de ensino usados pelo professor de PLE, seus impactos, atualidade e adaptação às diferentes necessidades do público-alvo de aprendizes, suas relações e inovações quando comparados com a cultura de ensinar e aprender da China, refletindo também na seleção, uso e elaboração de materiais didáticos;
4. Por último, examinar se o poder das decisões em nível micro do processo de ensino-aprendizagem ficará a cargo de instituições oficiais e gestores, deixando tal processo centralizado, ou se haverá possibilidade de mudanças e adaptações, possibilitando a abertura a novos métodos de ensino, de instrumentos avaliativos, materiais didáticos etc.

Finalmente, consideramos relevante retomar o papel dos aprendizes sinofalantes de PLE nos tópicos listados, visto que seus respectivos conhecimentos da língua, da escrita, da sociedade e da cultura chinesas são fulcrais para o desenvolvimento da pesquisa na área da lexicografia em PLE, bem como em diversas outras áreas e assuntos relacionados ao ensino de língua portuguesa na China.

## Conclusões

No presente artigo, traçamos um histórico dos dicionários de língua portuguesa na China, apontando o pioneirismo da língua portuguesa, bem como de suas respectivas obras lexicográficas na China, em relação as demais línguas europeias. Ademais, argumentamos que o desenvolvimento de uma lexicografia bilíngue português-chinês / chinês-português tem ligação com a história da presença portuguesa, com as políticas linguísticas para ensino de LE, as culturas de ensino e aprendizagem e os métodos de ensino de LE no país.

Destacamos que o aprendiz de PLE considera o uso de dicionário como uma das ferramentas principais em seu processo de aprendizagem tanto por causa dos métodos de ensino utilizados, junto com as tarefas e atividades, visto que privilegiam memorização, repetição, gramática e vocabulário. Com isso, muitas vezes o estudante não aprende a usar de maneira frutífera o dicionário, empregando estratégias mais simples e superficiais (a estratégia da escolha da primeira definição e a da disponibilidade), como também desenvolve dependência da obra lexicográfica, já que ela é vista como uma solução para problemas de ansiedade linguística.

Finalmente, sugerimos vários tópicos de pesquisa e de possíveis pontos para uma futura política linguística na China para o ensino de PLE, com ênfase no papel importante que os cidadãos chineses têm e terão nessas ações, sejam estudantes, professores ou gestores, ou seja, os agentes chineses envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de PLE na China. Ainda, reiteremos que esse protagonismo da China se dá tanto pelo fato do conhecimento do chinês L1, da ortografia, da história, da sociedade e da cultura chinesas, bem como ter melhor acesso a instituições e documentações chinesas.

Desta maneira, reiteramos que todo o histórico e pesquisa na área da lexicografia em PLE e o papel da China são tópicos estratégicos de destaque para a internacionalização da língua portuguesa, por conseguinte devem ser discutidos, estudados, desenvolvidos e atualizados, visando a promoção e difusão do português pelo mundo e, conseqüentemente, um melhor conhecimento para a prática do ensino-aprendizagem de PLE na China e nos demais países do mundo.

## Referências

ALBUQUERQUE, D. **O léxico individual e o ensino de vocabulário na aula de PLE.** In: MÁXIMO, E. (org.). *O léxico em diferentes perspectivas*. Catu: Editora Bordô Grená, 2020. p. 106-119.

ALBUQUERQUE, D. **A aula de PLNM com enfoque comunicativo: o ensino de vocabulário e o lugar do dicionário.** *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, v. 39, p. 33-54, 2021.

BERNARD, H. **Les Adaptations Chinoises D'Ouvrages Europeens Bibliographie Chronologique Depuis la Venue des Portugais à Canton Jusqu'à la Mission Française de Pékin 1514-1688.** *Monumenta Serica. Journal of Oriental Studies*, v. 10, n. 1, p. 309-388, 1945.

CARDOSO, J. *Obra literária*. Tomo I. Prosa latina. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

CHEN, Y. Y. **Dicionário Português-Chinês 葡汉词典.** 1ª Edição, Pequim: Editora Comercial, 2001.

CORDIER, H. **Bibliotheca Sinica.** Dictionnaire bibliographique des ouvrages relatifs à l'Empire chinois. Vol.1. Paris: E. Leroux, 1878.

CORDIER, H. **Bibliotheca Sinica.** Dictionnaire bibliographique des ouvrages relatifs à l'Empire chinois. Vol.2. Paris: E. Leroux, 1885.

CORDIER, H. **Bibliotheca Sinica.** Dictionnaire bibliographique des ouvrages relatifs à l'Empire chinois. Supl. ao vol.1. Paris: E. Leroux, 1895.

CORTAZZI, M.; JIN, L. Cultures of Learning: Language Classrooms in China. In: COLEMAN, H. (ed.). *Society and the Language Classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 169-206.

COULING, S. *The Encyclopaedia Sinica*. Londres: Oxford University Press, 1917.

CREAMER, T. Lexicography and the history of the Chinese language. In: ZGUSTA, L. (ed.). *History, Languages, and Lexicographers*. Berlin: De Gruyter, 1992. p. 105-135.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*, Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011. DOI: 10.22456/2238-8915.28346.

GOMES, L. *Bibliografia Macaense*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1987.

HARTMANN, R. K. Case Study: The Exeter University survey of dictionary use. In: HARTMANN, R. K. (ed.). *Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999* (p. 36-52), 1999.

Disponível em: [www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc](http://www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc) tnp 1. Acesso em 02 dez. 2024.

JAMES, G. Culture and the Dictionary: Evidence from the First European Lexicographical Work in China. In: MCDERMOTT, A.; COLEMAN, J. (Eds.). *Historical Dictionaries and Historical Dictionary Research*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004. p.119-135.

JATOBÁ, J. *Política e planejamento linguístico na China: promoção e ensino da língua portuguesa*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários e Interculturais – Português), Faculdade de Letras, Universidade de Macau, 2020.

JIN, G. P. Alguns dados sobre o léxico chinês de origem portuguesa e lexicografia sino-portuguesa e vice-versa. In: CINTRA, L. (ed.). *Congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987. p. 361-379.

LEÓN ROMEO, R. P. Gramaticografia e lexicografia em Portugal durante o século XVI: do Latim ao Português. *Limite. Revista de estudios portugueses y de la lusofonía*, v. 3, 45-65, 2009.

LU, Q. *O uso dos dicionários pelos aprendentes chineses de PLE*. 2018. Dissertação (Mestrado em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2018.

MAI, R. Os dicionários de português na China Continental. In: VERDELHO, T.; SILVESTRE, J. P. (eds.). *Lexicografia bilingue: a tradição dicionarística português-línguas modernas*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ Universidade de Aveiro, 2011. p. 228-236.

MAIR, V. What Is a Chinese “Dialect/Topolect”? Reflections on Some Key Sino-English Linguistic terms. *Sino-Platonic Papers*, v. 29, p.1-31, 1991.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (República Popular da China). 高等学校英语专业英语教学大纲 [Plano de ensino de inglês em faculdades nacionais para cursos de graduação]. Pequim: Foreign Language Teaching and Research Press, 2000.

MONTEIRO, H. D. *Contributo das atividades lúdicas para o desenvolvimento de competências comunicativas e culturais em português língua estrangeira para estudantes chineses*. 2014. Dissertação (Mestrado), Universidade do Minho, 2014.

NESI, H. The Specification of Dictionary Reference Skills in Higher Education. In: HARTMANN, R. K. (ed.). *Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999* (p. 53-67), 1999.

Disponível em: [www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc](http://www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc) tnp 1. Acesso em 02 dez. 2024.

PFISTER, L. *Notices biographiques et bibliographiques sur les jésuites de l'ancienne mission de Chine, 1552-1773*. Tome 1. Shanghai: Imprimerie de la Mission Catholique, 1932

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar. O que é, como se lê.* Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAMOS, J. D. Os dicionários luso-sínicos, relance histórico-bibliográfico. *Revista de Cultura Macau*, v.16, p.42-47, 1988.

RUOTONG, W. *Crenças e atitudes dos aprendentes universitários chineses de PLE.* 2017.

Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa), Universidade de Lisboa, 2017.

SALVADOR, G. *Semántica y Lexicología del Español: estudios y lecciones.* Madrid: Paraninfo, 1985.

TEIXEIRA, M. *Macau e a sua diocese.* v. 7. Padres da Diocese de Macau. Macau: Missão do Padroado, 1967.

TEIXEIRA, M. *Macau e a sua diocese.* v. 8. Padres da Diocese de Macau. Macau: Missão do Padroado, 1972.

TEIXEIRA E SILVA, R.; LIMA-HERNANDES, M. Políticas linguísticas e língua portuguesa em Macau, China: à guisa de introdução. *Signótica*, v. 26, p. 61-76, 2014.

VELOSO, A. J. *O Dicionário na aprendizagem de Línguas Estrangeiras: uma reflexão acerca do seu papel no processo de aprendizagem de Português Língua Estrangeira por sinofalantes.* 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial), Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, 2016.

YAN, L. *Dos ideogramas (China) às palavras (Brasil): elaboração do primeiro dicionário básico bilingüe português-chinês.* 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

YONG, H.; PENG, J. *Chinese Lexicography: A History from 1046 BC to AD 1911*. Nova York: Oxford University Press, 2008.

WAN, Y. *Analysis of Michele Ruggieri's Contribution to the Dicionário Português-Chinês in the Ming dynasty and the Compiling Features of the Dictionary*. Tese (Doutorado em Estudos Asiáticos e Africanos), Universidade de Veneza Ca' Foscari, 2021.

WELKER, H. A. **Pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes**. *Cadernos de Tradução (UFSC)*, v. 18, n. 2, 175-194, 2006.

WELKER, H. A. **Sobre o uso de dicionários**. In: *Anais do CELSUL 2008 (8º Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul)*. Porto Alegre: CELSUL, 2008. p. 1-17.

WITEK, J. (Ed.). *Dicionário português-chinês*, de Matteo Ricci e Michele Riggieri. Edição e reprodução fac-símile do ms. (c. 1588). Biblioteca Nacional de Lisboa, Instituto Português do Oriente, Ricci Institute, University of San Francisco, 2001.

ZHANG, D.; PÉREZ-PAREDES, P. **Chinese EFL learners' use of mobile dictionaries in reading comprehension tasks**. *System*, v. 121, n. 6, 2024. DOI: 10.1016/j.system.2024.103221.

ZHANG, W. **Uso de Recursos Eletrônicos no Ensino de PLE**. *Revista SIPLÉ*, v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: [http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=274:uso-de-recursoseletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=11](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=274:uso-de-recursoseletronicos-no-ensino-de-ple&catid=65:edicao-5&Itemid=11). Consultado em 02 dez. 2024.

ZHENG, S. **O ensino da língua portuguesa na China: caracterização da situação actual e propostas para o futuro**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação), Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, 2010.

Recebido em: 07/02/2025

Aceito em: 21/02/2025